

*Raphael Dracoon*

# Dragões de Éter

VOL. IV

**Estandartes de Névoa**

**OM**  
**MELHORAMENTOS**

# Sumário

---

[Prólogo](#)

[Ato I - Estandartes de Vento](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

22

23

[24](#)

25

26

27

[28](#)

29

30

31

[32](#)

33

34

35

[36](#)

37

38

[39](#)

[40](#)

41

[42](#)

[42.01](#)

[42.02](#)

[42.03](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

## [Ato II - Estandartes de Brumas](#)

[1](#)

2

3

[4](#)  
[5](#)  
[6](#)  
[7](#)  
[8](#)  
[9](#)  
[10](#)  
[11](#)  
[12](#)  
[13](#)  
[14](#)  
[15](#)  
[16](#)  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
[24](#)  
25  
26  
27  
[28](#)  
29  
30  
31  
[32](#)  
33  
34  
35

[36](#)  
37  
38  
[39](#)  
[40](#)  
41  
[42](#)  
[43](#)  
[44](#)  
[45](#)  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67

68

69

70

71

### Ato III - Estandartes de Névoa

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

[28](#)

29

30

31

[32](#)

33

34

35

[36](#)

37

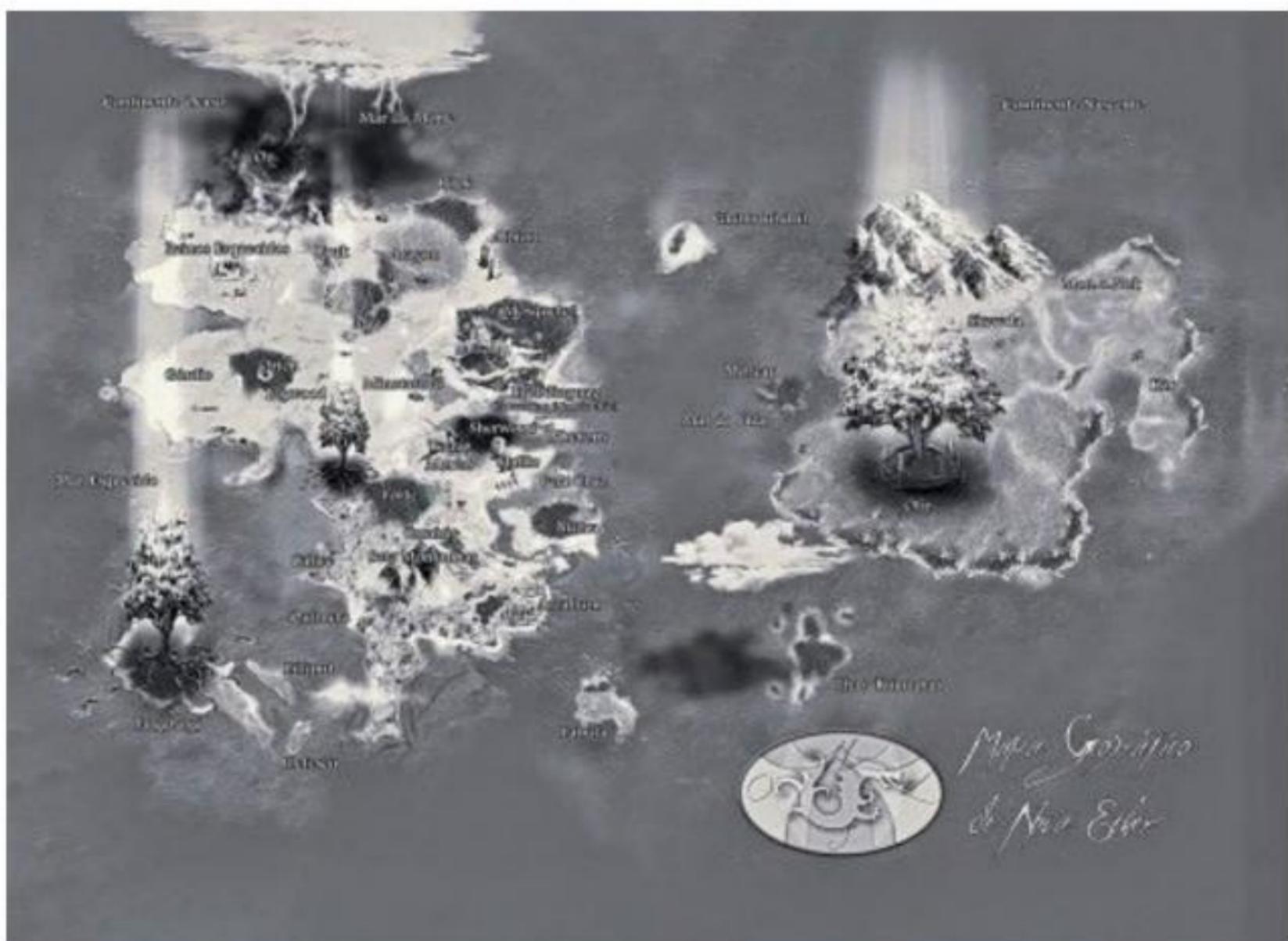
38

∞

Sobre o autor

Créditos

*Para você,  
por ter trazido Nova Ether até aqui.*



# PRÓLOGO

---

**D**izem que o nome dele significa “mau conselho”. Talvez isso seja uma invenção depreciativa, pois é normal que o homem comum se vingue de pessoas extraordinárias a ele de formas assim. Dizem que ele é filho dos pais errados, que se casou com as mulheres incorretas, e que tomou as piores decisões. Há diferentes versões sobre sua origem, sobre sua paternidade, sobre suas amantes, sobre seus ideais e sobre seus motivos. Talvez tenha matado menos homens do que deveria, talvez mais. Talvez tivesse feito tudo acreditando ser o melhor para a própria pátria e toda humanidade afetada por ela, pois existe um fardo nas mãos dos homens que fazem História, que sempre é difícil de ser julgado.

O fato é que muito se diz, de muitas maneiras diferentes, e muito pouco se tem certeza. Não se sabe exatamente hoje em dia em que local

ele está. Qual aparência assumiu. Quantos aliados viajam com ele, e mesmo se ainda existe um aliado disposto ao feito. Na verdade, não se sabe nem mesmo se aquele homem possui aliados. E, se possuir, uma taberna inteira apostaria ainda assim que nenhum seria capaz de admitir isso.

Isolado como um urso, diziam no sul que viajava por caravanas com nomes falsos e roupas maltrapilhas, cheirando pior do que mendigos e gerando reações parecidas com a passagem de um leproso. Já ouvi um bardo manco dizer, entretanto, que um homem com lepra chama bastante atenção e um renegado jamais iria querer isso para si. Parece um raciocínio sensato. No norte, costumam dizer que viajava cheirando pior do que orcos, o que, convenhamos, é mais depreciativo do que a comparação do sul, e que carregava sua armadura consigo e se apresentava como um cavaleiro longe de casa.

Não deixaria de ser uma verdade.

Quando caminhava, costumava fazer em silêncio, como se ninguém quisesse ouvir sua voz. Ou suas explicações. Quando de pé parecia sempre curvado, não como uma bruxa corcunda de poucos dentes, mas simplesmente um homem que carregava um mundo nas costas. Quando desembainhava a espada, não parecia diferenciar a frieza com que a embainhava. Quando dormia, precisava ainda assim estar em alerta, como se houvesse sempre alguém predisposto a matá-lo.

Muitos já o viram lutar e essas histórias ao menos têm relações. Porque em todas elas, seja nas versões do sul ou do norte, existiam referências a sua habilidade para matar. Algumas histórias comentam que suas vitórias eram baseadas na experiência; afinal, um homem caçado o tempo inteiro tinha de aprender alguma coisa. Outras insistiam que possuía um estilo sujo como sua índole, e ludibriava os inimigos de maneiras desonrosas.

Essas, porém, não eram as melhores histórias.

Verdadeiras ou não, as melhores narrativas contavam como aquele homem seria hoje o maior cavaleiro em atividade em todo o mundo.

Se não fosse, claro, renegado por todas as ordens de cavalaria.

Cartazes com desenhos de seu rosto, baseados em suposições e relatos incompletos, enfeitavam as paredes de estabelecimentos de regiões diferentes, e variavam a recompensa escrita em letras garrafais. Não importava o valor, contudo, pago por uma coroa. *Todos* os valores valiam à pena. Mercenários de muitos lugares o perseguiram. Caçadores de recompensas buscaram não apenas o pagamento pelo trabalho assassino, mas também a fama de concluí-lo. De fato, muitos tentaram o feito.

Ele matou todos.

Atrás de seus caminhos desenhava-se um rastro de sangue que corria como um rio torto. Era um homem cuja passagem vertia lágrimas. Era um espírito condenado à escravidão da própria escuridão ao seu redor. E, quando um homem caminha com muitas trevas ao redor de si, apenas dois caminhos costumam lhe sobrar: acabar cego ou acostumado com a escuridão. No primeiro caso, ele jamais voltará a enxergar qualquer claridade. No segundo, ele pode se acostumar com o breu e passar a se incomodar com a luz.

Não importa qual caminho ele escolha.

Ambos lhe custarão a paz interna.

Logo, era um homem indiferente à guerra ou à paz. Provavelmente o fardo que o perseguia houvesse influenciado isso. As pessoas dirão que não, que era sua índole e que ele merecia padecer em Aramis com os glóbulos oculares arrancados dentro de tigelas de água borbulhando, escutando o gargalhar de bruxas que se divertiam com a desgraça do mundo. Como dito, contudo, é difícil julgar o fardo dos homens que fazem História. Assim como também é difícil condenar a recepção do mundo a esse tipo de fardo.

Mas em uma coisa, não importa em qual lenda, não importa em que cultura ou continente, recaía unânime sobre ele.

Todos o odiavam.

Talvez aquele homem tenha matado mais do que deveria. Talvez menos. Mas um único homem morto por ele fora suficiente para torná-lo o homem mais odiado do mundo.

Porque um dia ele matou Arthur Pendragon.



## ATO I

---

# Estandartes de Vento

## 1

---

**U**ma vez um bardo pessimista afirmou que sonhos vivem em momentos.

Na época em que afirmou isso por aí, ele conseguiu chamar atenção. Era um período em que bardos estavam acostumados a contar histórias com bons finais, em que fadas andavam protagonizando bons contos, e as pessoas buscavam em histórias fantásticas tudo aquilo que não tinham fora delas. Por isso elas buscavam a taberna, e os bardos, e as narrativas, à noite, quando o sol se deitava e a mente tentava relaxar.

Cerveja, cantoria, carteado e disputas de jogos variados do boxe tomavam conta de um ambiente onde viver parecia bom. Havia risos,

havia gritos, havia dança, havia flertes e diversão. E as pessoas gostavam de acreditar que tais características seriam constantes, como o entardecer que as levava até aquele momento.

E então um dia um bardo disse uma coisa dessas.

As pessoas que não estavam lá afirmam que, inicialmente, um marceneiro tentou debater com ele. Disse que não, que ele havia se expressado mal, que os sonhos não viviam em momentos, mas *de momentos*. O bardo justificou que ele sabia muito bem o que queria dizer, e que seria tanta pretensão um marceneiro querer corrigir o expressar de um bardo quanto um bardo querer corrigir a fabricação dos móveis de um marceneiro.

O bardo então explicou que os sonhos não são fragmentos de momentos.

Isso seriam memórias.

Os sonhos seriam uma experiência viva; uma experimentação imaginada com certa dificuldade no passado, vivida no presente daquele momento.

Enquanto houvesse a vivência esse sonho existiria, antes ou depois de ela concretizada. Quando essa vivência não mais continuasse, ele teria se tornado apenas uma memória.

Hoje talvez seja mais fácil pensar em coisas assim, muito mais do que naquela época. Aquele era um tempo em que as pessoas apenas viviam e não pensavam muito na vida se colocavam moedas em chapéus para que outros fizessem isso por elas. E por isso aquele bardo mexia tanto com elas. Por isso havia algo de extasiante, mas também melancólico nas coisas que afirmava, fosse em prosa, fosse em poesia.

*Sonhos vivem em momentos.*

Talvez fosse verdade.

A questão era que os últimos bons sonhos de Arzallum haviam durado cinco anos.

E estava na hora de o momento mudar.

## 2

---

É difícil se afirmar com precisão como corre o tempo para um semideus, já que mesmo a narrativa que conto a você nesse momento pode ser revivida infinitamente por cada um deles. E se assim o é, como compreender o funcionamento do tempo para entidades capazes de coisas desse tipo? O que posso afirmar com certeza é que faz anos desde que contei minha última história e Nova Ether, ainda assim, continuou a seguir com vida própria. O mundo que conhecemos hoje é totalmente diferente do que conhecíamos antes e, se você esteve longe por tanto tempo, imagino que seja bom eu lhe relembrar de algumas coisas.

E um lobo lhe devorou a avó.

É como se tudo começasse assim. A perda da inocência, a volta da caça às bruxas, o início de uma saga que trouxe guerras, desgraças, regicídio, evolução tecnológica e evolução espiritual. Primeiro havia Primo Branford, o Rei dos Reis. Depois existiu Anísio, o filho mais velho e novo Rei, e Axel, o mais novo e campeão do mundo. Axel Branford se apaixonou por Maria Hanson, irmã de João, hoje Cavaleiro de Arzallum, que por sua vez nasceu apaixonado por Ariane Narin, a mesma que iniciou a narrativa.

Exatamente como em um círculo.

Sem início nem fim.

Bruxas foram queimadas, revoluções iniciadas, conselhos místicos foram reunidos. Civis enfrentaram piratas e soldados enfrentaram gigantes quando uma criança rompeu o Pacto de Swift e iniciou a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

Uma criança que todos acreditavam ser o novo Cristo.

Mas no fim se mostrou comum.

Snail Galford tomou de um Jamil Coração-de-Crocodilo aleijado o mesmo navio que pertencia a um James Gancho hoje morto. Peter Pendragon liderou o Nunca em uma guerra contada em baladas por pessoas que só podem imaginá-la. E voltou a voar.

De fato Nova Ether passou por *muita* coisa desde que semideuses a deram vida. Mas, de todas elas, se tivéssemos de escolher a mais impactante, eu teria um palpite. Em minha humilde opinião, o acontecimento mais marcante ao longo de todo esse tempo não foi uma guerra mundial, nem um sacrifício, nem qualquer tipo de história de amor feliz ou despedaçada. Para mim, o momento que mais impactaria a história da humanidade nos últimos anos foi o dia em que gnomos dentro de um navio voador de madeira e metal invadiram a cerimônia de coroação do novo Rei de Arzallum, Anísio Terra Branford, unindo dois continentes em um encontro histórico.

Oriundos de Ofir, o continente oriental de Nova Ether, os pequenos seres de um metro e vinte, a partir daquele dia, levaram a Arzallum um conhecimento vasto que mudaria o Ocidente para sempre. Uma tecnologia capaz de iluminar ambientes sem precisar de fogo e movimentar navios sem precisar de vapor.

Aquele dia sim foi o dia em que se iniciou uma revolução que o tempo se encarregaria de mostrar a proporção.

O dia em que o Ocidente conheceu o *etherpunk*.

### 3

---

mesmo hoje? – perguntou branca Coração-de-Neve, na voz de tom

— **É** grave que a caracterizava em quaisquer dos seus títulos.  
Antiga princesa de Stallia. Atual Rainha de Arzallum.

Iniciada de um coven de bruxas.

– Pareceu uma eternidade, não? – perguntou Anísio Branford de volta.

O Rei se encontrava seminu, entre lençóis de uma cama capaz de abrigar uma família inteira. Sua Rainha estava de pé, diante de uma janela maior do que ela, contemplando de cima a cidade de Andreanne. Cinco anos e pouco havia mudado nela, referindo-me aqui à Rainha, não à cidade. A pele ainda alva, as pintas espalhadas na face, os olhos grandes, o cabelo encaracolado preto como carvão lhe caindo nas costas. Anísio a observava e se lembrava das várias faces daquela mesma mulher, e que faziam aquela mulher ter a melhor das faces. A antiga princesa que estudava manuais de guerra e rompia maldições. A prometida que sobreviveu a um ataque pirata. A Rainha que liderou um Reino sem Rei em plena guerra.

Já Anísio havia mudado mais. Parecia dez anos mais velho, com marcas de rugas, linhas de expressão e olheiras profundas. A forma física, contudo, permanecia a de um líder militar. Na verdade, ele parecia até mesmo *maior*. Ombros mais largos, braços mais fortes, pernas mais grossas. O cabelo loiro--escuro descia em um rabo de cavalo no rosto marcado pela barba grossa, o que dizem ser bom para um Rei. No braço direito, ainda a marca feita com uma lâmina de espada por Branca Coração-de-Neve na forma de um #. A lembrança de uma magia branca que lhe quebrou uma pele de anfíbio concretizada com magia negra.

– Minhas mãos suam como no dia de nosso casamento... – revelou Branca.

Ela vestia um robe fino e transparente, tramado com fios tênues de seda. Não era a primeira vez, mas Anísio Branford nunca havia se acostumado com aquela visão.

Era sublime vê-la em tais vestes refletida sob a luz da lua.

Era ainda mais refletida sob a luz do sol.

– Você está nervosa pelo quê? – perguntou ele, ainda sem foco na conversa.

– Eu estou nervosa por você.

Ele sorriu ao entender. Não por acaso, ela era sua Rainha.

– Nós já sobrevivemos a coisas que mal acreditávamos ser possíveis.

– Isso é maior do que nós – concluiu Branca. – Isso é maior até mesmo do que Arzallum.

Talvez ela estivesse certa. Afinal, naquele dia eles iriam aumentar as linhas dos livros de História. Eles iriam ser o gatilho de uma experiência que poderia se tornar uma tragédia, uma curiosidade ou uma revolução, sem meio-termo. Porque, naquele dia, eles iriam inaugurar uma nova forma de transporte, jamais testada em qualquer outro Reino, conectando a cidade de Andreanne à de Metropolitan através de uma carruagem de metal de trezentos metros, postada sobre trilhos de aço laminado, e movida por uma tecnologia baseada na junção de magia oriental e tecnologia ocidental.

Naquele dia eles iriam inaugurar a primeira estação de trem da História de Nova Ether.

## 4

---

– João! João, ACORDA! É hoje! É hoje, caramba! Como você consegue dormir sabendo disso? – A voz viva, curiosa,

excitante era de Ariane Narin, a menina capaz de iniciar narrativas épicas.

Ela também demonstrava o amadurecimento. Aos 19 anos, a caminho dos 20, e se eu de vez em quando sinto um pouco o passar da idade, você também vai sentir se eu relembra-lo que, quando comecei a contar esta história, na época em que bruxas eram caçadas, Ariane Narin tinha apenas 12 anos. Ela era uma menina que pensava e falava como uma menina, mas que agora tinha se tornado uma mulher. A altura expandiu, não muito, mas o suficiente para que ela se sentisse melhor. As pernas continuaram mais finas do que ela gostaria e os seios aumentaram, embora ela ainda os considerasse pequenos. Algumas coisas, porém, permaneceram. O sorriso era uma delas. O cabelo loiro, que parecia ainda mais claro, também. E, por fim, a forma de falar com o olhar. É curioso que, se Ariane Narin já fez parte da sua vida, você sabe que é possível descobrir o humor dela de acordo com o nível de abertura dos seus olhos. Funciona meio que assim: se eles estiverem meio que apertados e com as bochechas ressaltadas, oh-oh, você tem um problema com ela. Se eles estiverem um pouco mais abertos, você a surpreendeu. Se estiverem arregalados, você a assustou. Mas se estiverem juntos, quase fechados, e em meio a um sorriso, periga você se sentir o homem mais privilegiado do mundo.

Como João Hanson.

Sabe, alguns ouvintes dentro de tabernas pelas quais já passei defendem a teoria de que João Hanson é o real protagonista das minhas narrativas, e eu os entendo. Nada de irmãos Branford e realeza, nada de piratas traindo piratas, nada de figuras lendárias liderando revoluções políticas ou ideológicas. As pessoas se encantam pela história do menino que sobreviveu à arapuca de uma bruxa canibal aos sete anos, assumiu a responsabilidade de sua casa, cuidou da mãe, protegeu a irmã, desafiou e matou em um Círculo de Arthur o conde responsável pela morte de seu pai com apenas 16 anos, e sagrou-se aprendiz de cavaleiro de Rinaldo Grimaldi, o atual capitão da Guarda

Real, e protegido de Lorde Ivanhoé, lenda máxima entre cavaleiros de guerra. Como se não bastasse, ele ainda havia se tornado um homem capaz de manter os laços com seu amor de infância.

João Hanson já havia sofrido mais em duas décadas de vida do que homens trinta anos mais velhos do que ele, e, mesmo assim, como quando via o sorriso de Ariane Narin, ele se considerava um privilegiado. Um privilegiado sobrevivente. Mas um privilegiado, ainda assim.

– Você sabe quantas horas eu cavaleguei ontem? – resmungou ele para Ariane, deitado de bruços sem camisa em uma esteira e com apenas um dos olhos abertos para ela. – A minha patrulha durou o dia todo.

– Ora essa, eu nunca vi: cavaleiro reclamar de cavalgar! – resmungou Ariane. – Não era você o senhor “olha-como-eu-quero-ser-um-cavaleiro-prodígio-e-ninguém-vai-me-impedir”, e agora vai ficar reclamando de algumas horinhas em cima de cavalo? Daqui a pouco é o quê? “Ai, você tem ideia de como essa armadura é pesada?” Você devia ter vergonha, João Hanson!

João abriu o olho que faltava, olhou para o teto e riu, ainda absorto no efeito Ariane Narin.

– Você continua a mesma boca grande, né? – disse ele.

– E você virou um velho! Um velho reclamão!

João suspirou e se ergueu. No pescoço o cordão de compromisso com um pedaço da árvore deles, quase idêntico ao que ela também usava no dela.

– Você está *mesmo* animada de entrar naquela coisa? – perguntou ele. – Quero dizer, *ninguém* no mundo usou aquilo antes! Pode ser que liguem e aquilo, sei lá, *exploda*, ou caia dos trilhos!

– E você quer o quê, cabeçudo? Viver pra sempre?

– Você de vez em quando ao menos presta atenção nas coisas que diz? – perguntou ele, se levantando. – Você está animada para arriscar

a vida em uma coisa que ninguém sabe ainda no que vai dar! Até mesmo esse nome que estão dando... *trem*... sei lá, é estranho!

– Mas aí é que está a graça! Se ninguém usou antes, você não consegue ver o quanto isso faz a gente especial de estar lá? As pessoas no futuro vão dizer: “No dia em que inauguraram o primeiro trem de Nova Ether, Ariane Narin estava lá!”.

– Ah, verdade! É exatamente assim que vai estar nos livros da realeza!

– Velho, reclamão, cabeçudo! – gritou ela do segundo cômodo da casa.

Ele estava longe de ser um velho, pelo contrário. João Hanson estava com 20 anos de idade e, voltando naquela questão sobre o passar do tempo, eu sei o quanto isso deve ser assustador para você. O cabelo cheio agora estava mais curto; afinal, ele era um cavaleiro. A barba cresceu e estava longe de ser grossa, mas ele deixou uma versão curta no rosto mesmo assim para aumentar o respeito. A altura não mudara muito em relação à dos 16 anos, na verdade. Se mudara alguma coisa, nem parecia a princípio. O rosto apresentava maxilares mais marcados na face, alguns cravos e cortes em cicatrização. O corpo ganhou um pouco mais de pelos e de músculos, embora ele desejasse que tivesse ganhado ainda mais de ambos. Nas costas, as mesmas tatuagens deixadas por uma fada que lhe exigiu um pacto, quando outra fada caída lhe deixou aleijado em uma floresta, abandonado à própria sorte. A cruz lhe descendo pela espinha e se ampliando pelas espátulas com as iniciais de seus três pilares: Hígor Hanson, Maria Hanson e Ariane Narin.

Ele e Ariane passaram a morar em um casebre de dois cômodos em Lenho, um bairro de Andreanne destinado a cavaleiros reais e lenhadores pelo Grande Paço.

Cavaleiros como ele.

Lenhadores como seu pai.

– Você acha que *ele* vem? – perguntou Ariane, retornando ao

cômodo. – Ao menos dessa vez?

João sabia de quem ela falava. Ele. O nome quase proibido. *Axel Branford*. O príncipe da plebe. O campeão de Arzallum. O homem que quebrou o coração de sua irmã.

– Não – definiu João, como se a decisão dependesse dele. – E nem sei se um dia ele virá novamente.

– É claro que ele voltará a Andreanne! – resmungou Ariane, como se também só dependesse dela. – Quero dizer... ele *tem* que voltar, né? Ele não vai simplesmente *abandonar* o Reino, certo?

– Ariane, ele *já* fez isso! Há cinco anos.

– Não é verdade! Você sabe que ele estava cumprindo um papel na guerra!

– Uma guerra que já acabou há cinco anos.

Ariane suspirou. Não ter argumentos em relação àquilo a irritava, assim como a irritava que a amiga e cunhada Maria Hanson não tivesse notícias em relação àquilo.

– Talvez ele tenha tido mais obrigações – sugeriu ela.

– Talvez ele tenha tido mais escolhas – sugeriu ele.

Era difícil calar Ariane. Mas João Hanson conseguia.

– Ah, que se dane! – disse ela. – O que importa é o que os livros de História vão falar de mim no dia de hoje! Eles vão escrever sobre o dia em que Ariane Narin roubou a cena na inauguração do primeiro trem do mundo, enquanto o *cavaleiro* João Hanson reclamava de andar a cavalo!

Era difícil fazer sorrir João. Mas Ariane Narin conseguia.

— **A**penas a energia necessária para deslocar a carruagem de aço nesse modo de transporte que está sendo chamado *trem* é algo inacreditável. Nós tivemos o esforço de trabalhadores das mais diversas áreas de Arzallum reforçando a construção idealizada por gnomos do Oriente.

A sala da Escola Real do Saber estava cheia, mais do que jamais esteve antes, repleta de adolescentes, e de pais de adolescentes. Era uma aula especial, dedicada a um dia especial, ministrada por uma pessoa especial.

À frente da turma a professora da Escola Real do Saber: Maria Hanson.

O tempo havia feito bem para ela, tanto para curar feridas internas quanto para acentuar a beleza externa. A pele branca se mostrava mais brilhosa, os cabelos pretos, presos em três fitas, estavam mais longos, e o vestido azul marinho de renda de manga longa, cinto de corda e abotoadura dourada, lhe reforçava a silhueta. No dedo, ainda o anel de lenhador dado pelo irmão, representando a metade de uma alma gêmea. O tom de voz, que sempre se mostrou seguro, estava ainda mais firme. Sabe, não era que Maria Hanson não fosse bonita anteriormente, nem tão segura de si, na verdade simplesmente ela parecia ter se *dado conta* de sua beleza e de sua inteligência.

Aos 23 anos, Maria era uma lenda em Andreanne.

A aluna que virou professora. A vítima que se tornou caçadora. A menina que sobreviveu à arapuca da Casa de Doces, a plebeia que conquistou o coração de Axel Branford, representando os contos de fadas, e viu seu coração despedaçado ao vê-lo seguir para uma noiva prometida, representando a vida real.

— Como é o nome daquela construção em Denims? — perguntou uma das meninas. — Estão dizendo que é enorme, cheia de cercas e espécies de fios brilhantes, na forma de uma... uma...

— Colmeia — definiu Maria Hanson. — É assim que estão chamando as construções. *Colmeias*. Engenheiros comandados por Rumpelstichen

criaram aquilo com o intuito de expandir os estudos iniciados no Oriente sobre a magia vermelha.

– Eles possuem mesmo um negócio daqueles por lá?

– Dizem eles que sim – respondeu Maria. – O Rei Anísio Branford confirma que voou até o continente de Ofir e viu com os próprios olhos o que eles chamaram de *parque ethérico*.

Aquelas informações soavam fascinantes para Maria Hanson tanto quanto soavam assustadoras.

– O que seria um “parque ethérico”?

– Uma união de Colmeias de etherpunk.

As pessoas cochicharam sobre como apenas *imaginavam* aquilo.

– Bem, se alguém da realeza diz, então deve ser verdade!

– Algumas vezes sim – acrescentou Maria, como se aquilo fosse estúpido. – Mas nem sempre.

Ninguém quis continuar aquela conversa.

– Quando escuto essa professora dizer coisas assim, eu tenho a certeza de que ela aprendeu tudo o que precisava.

A voz adentrou o lugar antes que seu dono. O tom era sábio, como a figura do dono. O corpo esguio vestia um traje completamente negro, composto de camisa e calça de lã, cinto com fivela dourada na forma de uma nuvem, e um sobretudo leve com as mangas dobradas na altura do antebraço. Nos pés, um par de botas que lhe subia até os joelhos. No pescoço, um colar de ouro com o símbolo de uma espada de fogo cruzando um escudo com a cruz de Merlim abaixo de um dragão de éter. Completando os ornamentos, um monóculo característico à frente de um dos olhos, e uma novidade: uma bengala com a cabeça de um lobo esculpida no topo. A idade transparecia nas marcas do rosto e nos cabelos e cavanhaque grisalhos, em contraste com sua energia.

Todo esse conjunto dava forma a uma das figuras mais respeitadas de Arzallum.

O antigo professor da Escola Real do Saber.

O antigo Conselheiro Real do Grande Paço.

O atual líder do grupo militar conhecido como Caçadores de Bruxas.

– Professor Sabino! – reagiu Maria como se fosse aluna, não a atual professora. – Não fazia ideia de que nos faria uma surpresa no dia de hoje!

Os alunos olhavam para Sabino como soldados olhariam para seu general, o que é uma metáfora curiosa, já que soldados também olhavam para Sabino, e de uma forma diferente daqueles alunos.

– É por isso que chamam *surpresa* – disse ele, sempre espremendo uma sensação de ironia mesmo na seriedade. – Mas nem mesmo eu sabia que viria até aqui, o que é a melhor das surpresas.

– Existe alguém aqui nesse recinto que não saiba quem é esse senhor? – perguntou Maria Hanson à sua classe.

De volta, recebeu apenas sorrisos.

– Se alguém esteve fora de Andreanne nas últimas décadas, esse homem é Sabino von Fígaro, antigo professor dessa escola, militar condecorado de Arzallum, meu amigo pessoal e meu eterno mestre.

Normalmente Sabino diria uma resposta afiada logo em seguida, sem titubeio. Mas, por alguns segundos, ele travou. Não era fácil ver isso acontecer, o que fazia do momento, marcante, e fazia as pessoas se sentirem importantes de presenciar situações assim. Aquelas frases finais, dotadas de tamanha sinceridade, travaram por um momento na garganta daquele senhor qualquer seriedade moldurada em ironia que ele pudesse pensar. E a falta da resposta imediata dizia imediatamente o quanto aquele senhor admirava a menina. E se orgulhava de poder admirar aquela menina.

– De todos os títulos citados, os referentes à sua afeição me soam os mais importantes – disse, não soando como ele próprio.

Os sorrisos na classe continuaram. O de Maria Hanson, o maior deles.

– Mas acho que a questão aqui hoje deveria ser: existe alguém nesse recinto que não saiba quem é esta senhorita?

As pessoas riram, achando que Sabino estava apenas fazendo graça.

– É meio difícil não saber quem ela é, né? – disse Karin Penwood, uma das alunas mais jovens, de apenas sete anos, filha de Kenny Penwood, antiga colega de classe de Maria ali presente, e que hoje se revelava uma mãe dedicada. - Ela é a professora.

Se você não se lembrar de Kenny Penwood, acho que posso ajudar: foi ela a menina capaz de abrir a camisa e mostrar o busto para centenas de pessoas ao tentar chamar a atenção de Axel Branford em uma execução pública em plena praça central. Fourton, o Idiota, era apaixonado por ela. Mas, no fim, ela escolheu Andreos Darin, um dos irmãos gêmeos amigos de infância de João Hanson, e que também estava presente naquela aula. A filha, porém, não era de Andreos, mas de um homem mais velho e casado, que se mudou com sua outra família sem avisar Kenny para onde. Ainda assim, a vida a aproximou de Andreos novamente, que as tomou como família.

– Perspicaz, pequena Penwood! Muito perspicaz! – Esse era Sabino, o único homem em Andreanne a utilizar essa palavra e tão bem. – Mas preciso lhe corrigir em uma coisa: a fama da senhorita Hanson também se espalha pelo Grande Paço.

Maria franziu as sobrancelhas, sem saber aonde aquilo iria chegar.

– E o título de *atual* professora dessa escola se encerra hoje nesse dia já histórico para Arzallum!

Maria franziu as sobrancelhas *um pouco mais*.

– Porque Maria Hanson nesse momento está sendo convocada para trabalhar para a família real.

Não havia qualquer traço de ironia na voz dele, apenas seriedade. E isso soava para Maria Hanson mais fascinante e assustador do que qualquer conversa envolvendo parques ethéricos e serpentes de aço.

## 6

---

O final dos trilhos e o início da arruaça se localizavam em – uma das áreas próximas do cais. Duas barras de metal paralelas se estendiam pelo solo ao longo de parte da costa de Andreanne, evitando cruzar a cidade pelo meio. Os trilhos metálicos se prendiam em suportes de madeira, reforçados por rocha triturada, e a opção pelas bordas facilitava as obras e minimizava o caos urbano.

Pela cidade, alguns termos jamais utilizados antes corriam na boca da população. A serpente de aço que transportaria as pessoas era um *trem*, o local de onde ela partiria era uma *estação*, os homens treinados pelos gnomos para conduzi-lo eram os *maquinistas*. E assim a coisa corria. Falava-se sobre o quão veloz uma máquina daquelas poderia ser, o quanto de pessoas poderia alocar, o quanto de dinheiro teria sido utilizado para a sua existência. As pessoas se aglomeravam com a mesma excitação com que um dia se aglomeraram na Arena de Vidro para ver Axel Branford se tornar o campeão do mundo diante dos líderes de outras nações. O sentimento patriótico e o conceito de superioridade de Arzallum perante os outros Reinos se estampava nos sorrisos, no agito, no clamor. Não era uma questão de aquele povo estar vendo o início de mais uma revolução tecnológica, mas de novamente estar vivenciando a sensação de conferir a História ser feita em suas terras. Mesmo sem ideia do esforço para o feito.

Apesar de boa parte do orçamento da obra ter vindo dos impostos reais, e, por isso, ter sido pago pela própria população, a primeira *viagem de trem* de Nova Ether (e ainda me é tão singular dizer esse termo) seria apenas para convidados, e então, a partir dela, qualquer pessoa poderia comprar um assento por trinta moedas de princês ou

equivalentes. Se o preço valeria era uma incógnita, ao menos o deslumbre já não tinha preço.

A chamada *estação de trem* impressionava. Ao lado do vão dos trilhos erguiam-se estruturas de formato abobado, lembrando um túnel semicircular de telhas e metal. Na parte interior da estrutura, alguns degraus ao redor de pilastras levavam a um segundo andar, onde pessoas também poderiam observar o trem e acenar para os que partiam.

Falando em observar o veículo, a máquina era dividida em duas partes. A primeira menor que a outra e com o formato que teria um elmo medieval fechado se ele fosse de repente agigantado e esticado para a frente. Essa parte era chamada de *locomotiva*. Já a segunda se mostrava uma carruagem infinita de duzentos metros de comprimento, com mesas, cadeiras e sofás acolchoados e cabines privativas, chamadas de *vagões*. O desenho final dessa união era um monstro de metal polido e decorado com desenhos retorcidos, sustentado por pranchas em cima de vias metálicas. A carroceria havia sido pintada com as cores preto e púrpura, as preferidas do sultão Badroulbador, um detalhe inegociável e que lembrava ao Ocidente o que a aliança com o Oriente poderia lhe render.

De fora, ambas pareciam uma única forma, já por dentro o acesso à locomotiva era restrito por guardas reais. Outro detalhe curioso: ao contrário dos navios, não havia chaminés em nenhum ponto; logo, ninguém fazia ideia realmente de como aquilo iria se movimentar sem vapor, o que estimulava a imaginação.

Soldados arzallinos iam delimitando espaços em meio à população que se esmagava na estação, abrindo caminho para os primeiros passageiros. Era curioso que os nobres ou convidados eram saudados com aplausos, como se fossem pessoas especiais simplesmente por estarem diante de uma situação especial. Pais, mães e crianças passavam pelo corredor improvisado acenando e recebendo acenos de volta, tão bem vestidos que mais pareciam prestes a assistir a uma

ópera do Majestade, sendo recebidos na entrada por Rumpelstichen, o gênio por detrás daquilo, ao lado de seus engenheiros-gnomos.

E, a cada nova carruagem que parava próxima à estação, os olhos corriam à espera da família real. Ou ao menos de uma parte dela. Afinal, no fundo, boa parte da excitação daquele povo vinha do fato de aquilo lhes parecer uma oportunidade de eles finalmente *reverem* Axel Branford. Foi diante dessa sensação e dessa expectativa que a carruagem da família real de Arzallum estacionou próximo ao cais. As portas se abriram. E seus integrantes desceram.

## 7

---

— Como assim: “trabalhar para a família real”, professor? – quis saber Maria Hanson. – E por que nós estamos numa carruagem? E para onde estamos indo?

Sabino von Fígaro mantinha os olhos fixos nela, sem responder, apenas com um sorriso que nunca virava um riso. Quando entendeu que ele não iria responder até ela se acalmar, Maria Hanson por um momento, afogada na própria ansiedade, se sentiu Ariane Narin.

– É realmente admirável que consiga antecipar as perguntas que formam o todo, senhorita Hanson. Mas qual o mantra a ser utilizado aqui?

Maria suspirou.

– Não importa quantas perguntas sejam...

Sabino não aproveitou a pausa para complementar, apenas esperou que ela própria concluísse.

Como na época da Escola Real do Saber.

– ... faça uma de cada vez – disse ela.

Ele balançou a cabeça, satisfeito com a resposta.

– Sabe... – iniciou ele. – Eu sei que você pensa que eu comecei a lhe preparar para esse cargo apenas no dia em que nossos caminhos se cruzaram quando Jamil Coração-de-Crocodilo invadiu o porto de Andreanne. Eu sei que você deve achar que nosso encontro em meio ao caos do centro da cidade foi acidental, e que eu a tomei como minha pupila por mero acaso...

– Mas, professor, na verdade *foi exatamente assim* – reafirmou ela. – João e eu iniciamos uma investigação por conta própria, sem ideia do que estávamos fazendo. Foi um acidente cruzar a nossa investigação com a do senhor. Quero dizer, nós éramos crianças brincando de detetive perto de uma pessoa tão experiente quanto um conselheiro real, mas foi um golpe de sorte ter estado lá na mesma hora que o senhor chegou na casa dos Basbaum. Um golpe de sorte que agradeço, mas, ainda assim, um golpe de sorte.

– Eu posso afirmar que você está certa na parte de comparação entre as investigações, mas errada em todo o resto.

Ela novamente suspirou. Anos haviam se passado, uma relação de família se estabelecido, e, mesmo assim, ela nunca sabia direito quando estava sendo ofendida ou elogiada por aquele senhor.

– Eu não treinei você a partir daquele dia, Maria Hanson! Eu treinei você desde o dia em que pisou na Escola Real do Saber.

Maria franziu a sobrancelhas novamente e deixou a boca abrir, travando a expressão. A voz que não saía fazia diversas perguntas no silêncio, sem se importar que fossem uma de cada vez.

– Sabe quantas pessoas teriam sobrevivido ao que você sobreviveu? – perguntou Sabino. – Uma maga negra recém-iniciada já seria um feito a se admirar, mas... uma bruxa canibal, capaz de se ocultar de Caçadores de Bruxas? Isso é raro!

– Professor, eu não sei o que...

– Você enganou uma bruxa experiente e a tacou dentro de um caldeirão fervendo. Se um soldado real tivesse feito isso, ele seria promovido com honras!

Com certeza. Para uma tropa de cavaleiros vermelhos.

– E, depois do acontecido, você e João Hanson tiveram de prestar depoimentos à Guarda Real. Você se lembra disso?

– Eu lembro. As pessoas achavam que meu pai pudesse ter nos abandonado para morrer na floresta, e foi preciso que contássemos o que realmente aconteceu.

– Sim, foi preciso. – O tom da voz dele era sombrio. – Sabe, se o caso fosse comprovado como de negligência paterna, se Hígor Hanson tivesse mesmo abandonado vocês para a morte no meio de uma floresta e não houvesse bruxas, tudo teria continuado apenas com a Guarda Real. Mas, no momento em que bruxas entraram na narrativa, *quem* você acha que eles foram consultar?

O coração de Maria mudou de ritmo sem que ela soubesse dizer exatamente o porquê.

– Professor...

– Você não faz ideia do caos que a Casa de Doces causou no Grande Paço. O Rei Primo Branford me perguntou se bruxas estavam de volta, se ele havia falhado, se os caçadores deveriam voltar...

– E o que o senhor respondeu? – perguntou ela sem segurança, indecisa mesmo sobre se *podia* fazer aquele tipo de pergunta.

– Eu respondi que não – admitiu Sabino, como se aquilo pesasse diretamente em seus ombros. – Eu fui a favor de que ele *não* alardeasse Arzallum, ao menos antes de tentar caçar aquelas ameaças recentes ainda na surdina. Eu fui a favor de que ele desviasse a atenção da população, enquanto as buscas aconteciam. Eu fui a favor de uma decisão da qual me arrependo todos os dias.

A expressão em choque de Maria continuava. Era raro, bastante raro, ver Sabino von Fígaro demonstrar fraqueza, demonstrar arrependimento e, principalmente, admitir ter errado.

– Ele criou o Majestade depois daquilo. E, quando a ameaça apareceu, quando a aliança macabra entre Jamil Coração-de-Crocodilo e a bruxa Babau se revelou, os Caçadores de Bruxas não estavam lá. Nem para prevê-la, nem para impedi-la.

O velho senhor interrompeu a narrativa e apertou os lábios, passando a mão nos poucos cabelos brancos na lateral da cabeça.

– Eu sei que para você que cresceu com o Primo já Rei, é difícil enxergar isso, mas... antes disso tudo, de toda loucura... ele era apenas um filho de moleiro querendo fazer o melhor pro seu povo, entende? Ele se tornou a figura de um herói para os homens de paz, e se tornou a figura de um general para os homens de guerra. Mas, para mim que sou um homem de ambos, Primo Branford era, antes de tudo, meu amigo, entende?

Os olhos de Sabino von Fígaro brilharam uma luz diferente e Maria Hanson não conseguiu acreditar de imediato que eram princípios de lágrimas. Não com *aquela* homem.

– E por isso, desde aquele dia, ao longo de todos os dias eu me pergunto... se eu tivesse agido antes... se tivesse dado outros conselhos... ele *ainda* estaria aqui?

Houve uma pausa, que calou o som do mundo.

E Maria Hanson viu Sabino von Fígaro chorar.

Foi rápido. Tão rápido que ele logo em seguida retirou os óculos de lentes finas do meio do nariz e enxugou os olhos, mas, independentemente, aquele foi o momento mais frágil que ela já havia visto daquele senhor. O momento mais humano. E, para Maria Hanson, foi um privilégio ele se permitir se mostrar daquela forma para ela, ao menos uma vez.

– Não foi sua culpa – afirmou Maria, com a firmeza que ele costumava dizer quando ela se mostrava frágil. – Se você for culpado por isso, eu também teria de ser culpada por ter fugido sem matar Babau na Casa de Doces. Ou Axel deveria ser culpado por ter ido atrás de Anísio, e não ter estado aqui. Ou Anísio deveria ser culpado por ter

feito Axel ir atrás dele, e também não ter estado aqui. Ou Clérigo Thamasa deveria ser culpado por não descobrir que uma maga negra agia bem debaixo de seu templo. Ou a Guarda Real deveria ser culpada por não ter vasculhado a Catedral da Sagrada Criação por completo.

Sabino novamente mantinha os olhos fixos nela, mas sem ameaças de risos ou sorrisos. Apenas uma atenção rara, que ele dedicava apenas às pessoas que respeitavam o conhecimento, e essas eram raras.

– E você tem razão – continuou Maria. – Quando a ameaça apareceu, os Caçadores de Bruxas não estavam lá. Mas *nós estávamos*. Eu, você e João estávamos. E nós fizemos a nossa parte. Fizemos um papel que não pedimos, diante de uma situação em que não tínhamos nos colocado. E isso já foi mais do que milhares fizeram, foi mais do que milhares ainda fazem. Milhares de pessoas que foram poupadas por não terem pelo que se culpar.

Sabino engoliu em seco. Os olhos dele brilharam de novo, dessa vez refletindo certo orgulho. A satisfação que um pai sentia quando percebia que uma filha havia crescido e se tornado uma pessoa ainda melhor do que ele poderia imaginar.

– Maria Hanson... – disse ele, de repente, como se não fosse o nome dela, mas de outra pessoa que não estivesse ali. – Eu nunca esqueci esse nome: Maria. Hanson. O tempo passou, eu me aposentei do meu compromisso militar e assumi meu compromisso civil como professor da Escola Real do Saber. E a vida seguiu. Sem surpresas, sem bruxas. Até que um dia, anos depois, *aquela* menina da Casa de Doces entrou na minha sala de aula, e eu soube que aquilo não era um acaso. Eu soube que ali me tinha sido dado o que eu sempre havia pedido.

O coração de Maria continuava acelerado com receio da responsabilidade que viria com o final daquela revelação.

– Porque ali eu soube que a vida tinha escolhido minha discípula.

Foi a vez dos olhos de Maria Hanson brilharem o princípio de lágrimas, que não demoraram a cair.

— **E**stá vendo ele? Está conseguindo ver? – perguntou Ariane, de pé em um banco dentro do trem feito para as pessoas sentarem, observando uma janela.

– Eu não sei, tá cheio de gente ainda – comentou João, também tentando enxergar, mas sentado. – Só que eles estão vindo...

A aproximação da família real era possível de ser acompanhada do lado de dentro pela algazarra do lado de fora. Anteriormente, João e Ariane haviam passado pelo corredor em direção ao vagão como celebridades. Ambos eram conhecidos cada qual por sua própria história, e, mais ainda, por suas lendas, que não paravam de aumentar. João continuava a se sentir desajeitado em situações como aquela, acenando constrangido para as pessoas, ainda sem saber exatamente por que elas o consideravam especial. Já Ariane passava acenando como uma estrela de um palco de teatro, sabendo bem por que as pessoas deveriam considerá-la assim.

– Por dentro esse lugar é bem maior do que parece lá de fora, né? – disse ela.

De fato o interior do vagão assustava. O compartimento de metal alongado inicialmente instigava pelo efeito da visão contínua, como se a repartição não tivesse fim. Além disso, todos os cantos eram decorados, fosse com quadros pintados a óleo, representando eventos históricos, fosse por lustres com bolas de vidro onde normalmente haveria candelabros com velas. Os assentos variavam entre os bancos paralelos à lateral, onde Ariane se colocava de pé, e as cadeiras de mesas ao fundo preparadas para servir jantares. Como opção alternativa havia cabines improvisadas com dois bancos perpendiculares à lateral do

trem e colocados um de frente para o outro, como uma boa opção para famílias ou amigos viajando juntos. Além da visão, outros sentidos eram estimulados. Incensos de mirra deixavam no ar um odor agridoce e, ao menos durante aquele período de espera, um bardo tocava um banjo enquanto interagia com os recém-chegados. Esses pequenos detalhes imersivos eram tão bem planejados que nós poderíamos passar muito mais tempo aqui listando detalhes do tipo.

Mas o som de tumulto invadiu o interior do trem. E a família real entrou.

Primeiro surgiu Branca Coração-de-Neve. Escoltada por soldados, a Rainha usava um vestido longo prateado com um casaco de lã por cima, embora não estivesse frio o suficiente. Esse detalhe, aliás, não era importante; afinal, se a Rainha de Arzallum tinha resolvido ir àquela inauguração com um casaco de lã em um dia de temperatura razoável, isso se tornaria a partir daquele dia uma referência de moda local. Os cabelos escuros se mostravam presos em pequenas tiras. Brincos perolados brilhavam ao lado do rosto de pele pálida e face maquiada. Anéis de diferentes tamanhos lhe ocupavam todos os dedos. Na testa não se prendia sua coroa oficial, mas uma tiara de ouro cravejada de rubis fazia o papel de lembrar quem era aquela mulher.

Atrás dela, surgiu Anísio Branford. Usava uma túnica vinho em linho de mangas compridas reforçada por um colete de lã, cinto e uma calça escura que ia até o tornozelo, presa no quadril por cordões. Meias longas e um calçado de couro que lhe subia pelas canelas completavam o visual. Também exibia anéis em grande parte dos dedos e uma tiara masculina ao redor da testa, bem como uma capa com as cores de Arzallum. Atrás dele, mais alguns soldados completavam a escolta do Rei dos Reis liderados pelo atual capitão da Guarda Real, Rinaldo Grimaldi.

A figura do Rei e da Rainha *sempre* causava impacto; afinal, eram muitas histórias. Histórias de tragédias, de guerras, de conquistas, de magia. Eles representavam uma família que trazia sangue feérico, que

havia desafiado Bruja, que havia vencido uma guerra contra o ditador de Minotaurus.

Então, após a passagem, a expectativa.

– É agora... – disse Ariane, antes que seu coração parasse, o tempo andasse devagar e o mundo perdesse o som.

Nada. Inércia. Ansiedade. Coração acelerado à espera do próximo integrante da família real a entrar no trem.

Tudo até o suspiro, ao perceber que o mundo havia retomado ao normal.

E Axel Branford *não* estava lá.

– Eu te disse – reafirmou João. – Você devia me escutar mais.

Ariane olhou para baixo, apertando os lábios. João desejou que, estivesse onde estivesse, Axel Branford tropeçasse naquele momento e desse com a cara no solo.

– Ei... – chamou ele. – Não fica assim.

– É, eu sei. Eu sei que você estava certo – respondeu ela. – É que... uma parte de mim queria que você estivesse errado, entende? Não por mim. Quero dizer, não *só* por mim.

João passou o braço ao redor dela. Ela deitou a cabeça no ombro dele, observando o anel em seu próprio dedo.

– Eu entendo – disse ele. – Mais do que qualquer outra pessoa, eu entendo. Mas quer saber? Ela simplesmente *não precisa* dele. Ela é quem ela é porque já é completa. Ela já é perfeita. E pode ser quem ou o que quiser na vida dela, porque ninguém chega aos pés dela. Nem mesmo um nobre herdeiro. Nem mesmo um príncipe. Nem mesmo um Rei.

Ariane sorriu com os lábios unidos e os olhos apertados.

– É – admitiu ela. – Ela é perfeita como é. Assim como você.

Ele desviou o olhar, sem deixar que a intimidade lhe tirasse o acanhamento mesmo depois de tanto tempo.

– Eu não chego aos pés da minha irmã... – confessou João Hanson.

– Eu apenas posso me espelhar nela.

– Você tá brincando, né? Sério, os seus pais deveriam ser obrigados a passar o dia gerando outros Hanson por aí! Tornaria Nova Ether bem melhor.

– Já pensou? Se dois já dão trabalho, imagine três irmãos Hanson andando por aí!

– Seria marcante – disse Ariane. – Vocês poderiam formar uma banda!

João riu. Era a única opção.

– De onde você tira essas ideias loucas? – perguntou, com a consciência de que nem ela teria a resposta.

Eles se calaram por um momento, se perdendo nos olhos um do outro. Até que João inspirou fundo, tomando coragem para dizer em voz alta o que havia passado em sua cabeça.

– Sabe... pensando sobre isso que você falou... é mesmo uma pena que, infelizmente, o meu pai não está mais por aqui, e não poderia gerar outro Hanson...

Ariane apertou os lábios, como se aquele fosse um momento nostálgico. Ela iria consolá-lo. Antes disso, contudo, sua expressão se modificou quando João enfim completou dizendo:

– Contudo, *eu* ainda estou.

A boca de Ariane abriu. Os olhos não piscaram.

– E *eu* posso.

O rosto dela permaneceu em choque, sem a certeza de que havia recebido a proposta mais extasiante ou a mais assustadora de sua vida.

— Então é *essa* a sua casa, professor? – perguntou Maria Hanson, observando o casebre pela primeira vez.

O tom da voz dela não deixava claro se ela estava surpresa ou decepcionada. O lugar de um único cômodo já seria considerado apertado e vazio, lotado de prateleiras, livros, carpetes, estantes e candelabros; então, se tornava quase claustrofóbico. Em um dos cantos restava uma poltrona com um descanso para as pernas, o único móvel para uma pessoa se sentar naquele ambiente.

– Bem diferente do que esperaria de um antigo Conselheiro Real, não é?

– Não, não – embarçou-se Maria. – Eu só estou surpresa de estar aqui.

Sabino fez sinal para que ela explorasse o lugar. A primeira coisa que ela notava era a limpeza. Apesar de poder ver seis estantes com livros antigos, não havia teias de aranha, não havia nenhuma madeira detonada por cupins, não se sentia nenhum cheiro de mofo. Maria conseguia perceber em pouco tempo que Sabino von Fígaro não era apenas um homem metódico, mas também um tanto obsessivo com limpeza e organização.

– Eu sei, foge ao meu controle – acrescentou ele, como se pudesse ouvir os pensamentos dela. Ou deduzi-los. – É como se fosse uma *compulsão*, entende? Determinados hábitos que criam em mim uma espécie de sensação de segurança.

– Como assim, professor?

– É difícil explicar a alguém que não divida essa sensação igualmente, e até hoje eu encontrei apenas uma pessoa que se comportasse de maneira parecida – acrescentou ele rapidamente, como um parêntese. – Mas é como se... minha mente acreditasse que algo ruim aconteceria se eu não realizasse meus hábitos de organização e higiene diariamente, é compreensível isso para você?

– Como uma superstição? – indagou ela.

– Não – resmungou ele. – Superstições envolvem fé, o que é

completamente distinto. Meu caso seria considerado algo mais científico ou biológico do que uma crença sem questionamento.

– Como isso poderia ser *científico*, professor? Você diz que algumas pessoas como o senhor poderiam simplesmente nascer assim, com um determinado fanatismo por alguma coisa?

– Talvez – concordou ele. – Ou talvez exista algum gatilho na infância da pessoa que desperte nela essa necessidade por ilusões de segurança. Algum fator que em determinado momento possa vir à tona e desencadear algo dentro dela.

Maria ponderou um momento sobre aquilo.

– Como aconteceu com João?

Sabino aquiesceu, sem que ela precisasse explicar. Após o incidente na Casa de Doces, o nariz de João Hanson passou a sangrar quando ele estava próximo de situações que envolvem magia negra, algo deduzido e revelado pela primeira vez pelo próprio Sabino aos dois irmãos durante a invasão de Jamil Coração-de-Crocodilo em Andreanne.

– De uma maneira completamente diferente do meu caso, mas, sim, esse é o espírito.

Maria voltou a observar os livros, dessa vez notando os títulos. Encontrou livros envolvendo histórias de bruxaria, contos de Arzallum, manuais militares, poesias, ocultismo, estudos de filosofia, contos de detetive, capa & espada, e até mesmo uma fileira escondida de livros de...

– Isso são romances *femininos*, professor? – perguntou Maria, com um sorriso aberto.

Sabino manteve a compostura, como se nada demais estivesse ocorrendo por ali.

– Defina romances “femininos”, senhorita Hanson.

– Livros normalmente com histórias de amor repletas de idas e vindas para um casal ficar junto, que as mulheres não veem problema em debater, enquanto os homens se envergonham de assumir publicamente que leem.

Sabino ficou calado por um momento, e olhou para o outro lado.

– Sim, são romances femininos – disse rapidamente, como se dissesse nas entrelinhas: “e nós nunca mais falaremos sobre isso”.

Maria gargalhou, como há tempos não fazia. Uma risada diferente. Uma risada que costumava dividir apenas com Hígor Hanson, seu falecido pai.

– E, em meio a tantos livros, onde o senhor *dorme*, professor?

Foi a vez de Sabino rir.

– No único assento disponível nessa sala, ora essa...

– Verdade? Não me parece muito confortável!

– Por que não testa?

Surpresa pela autorização, Maria Hanson se sentou na poltrona de Sabino von Fígaro. A cadeira estofada era macia, bem mais suave do que parecia a princípio, e inclinada um pouco para trás. Os braços eram grossos e havia uma almofada para apoiar a região lombar e outra para apoiar o pescoço.

– É realmente confortável – assumiu ela. – Eu poderia...

Sabino fez um gesto para que ela seguisse em frente. Com o receio de alguém que estivesse cometendo uma infração, Maria esticou as pernas no apoio para os pés, ajeitou a cabeça, cruzou as mãos sobre a barriga e relaxou.

– É... aconchegante.

– Eu sei – disse ele, enquanto apanhava uma chaleira e dois copos de vidro.

Maria fechou os olhos, sentindo-se cada vez mais como se não estivesse na casa de um estranho.

– Professor, você acredita em algo?

– Defina melhor, senhorita Hanson – pediu ele, colocando chá nos copos.

– Você disse antes que o seu comportamento não tem nada a ver com fé. Mas... você acredita em alguma coisa acima da ciência?

– Você quer dizer que fé está acima da ciência?

– Não – disse ela, abrindo os olhos e percebendo que ele se aproximava com os dois copos. – Não dessa maneira. Eu quero dizer... excluindo a ciência, você acredita em algo que possa ser acima do estudo racional?

Maria apanhou o copo de vidro. Eles brindaram e Sabino se apoiou em uma das estantes, transformando uma das partes baixas em um assento.

– Sabe, ao longo da minha vida, eu vi coisas que seriam consideradas inacreditáveis. Eu vi fadas abençoarem pessoas tanto quanto vi fadas caídas amaldiçoarem pessoas. Eu vi uma carta que uma maga negra, a mesma que você arremessou em um caldeirão, que se materializou na frente de um Rei a caminho da loucura. Eu vi uma águia-dragão voar. Eu vi um clérigo utilizar uma Pedra da Criação para materializar o próprio pensamento. E na teoria, para a maioria das pessoas, isso seria além do racional, você compreende? Mas, para mim, se nós vivemos em um mundo de éter, tudo isso está em uma área separada por uma linha traçada entre a fé e a ciência, que eu me dedico a estudar e entender.

Maria mal piscava.

– Então a questão não é que eu acredite ou não, a questão apenas é que eu *não nego*. E *isso* faz toda a diferença. Porque esse tipo de postura me impede tanto da convicção cega como da arrogância científica.

– O senhor disse que realiza esses rituais de limpeza porque eles lhe passam uma falsa sensação de segurança. Isso não é uma convicção cega?

– Não, porque eu tenho *consciência* de que isso é uma bobagem. Mas essa é a maneira *racional* que eu encontrei de manter em controle os meus gatilhos. Então se eles funcionam, por que negá-los?

Maria bebeu um gole do chá, com o olhar desfocado em seus próprios pensamentos.

– É uma maneira fascinante de pensar – afirmou ela. – Mas, ainda assim, não existe *nada* que você considere acima? Nada que seja acima

do semidivino? Algo que prove a existência do tão distante divino?

Sabino von Fígaro deu a si próprio um momento para refletir sobre aquilo. Então de repente tossiu de maneira agressiva, sem controle. Maria se preparou para socorrê-lo, mas ele se afastou e fez sinal para que ela não se aproximasse.

– Não se preocupe, não é nada com que você deva se preocupar.

Maria estranhou aquele comentário.

– Eu lhe falei sobre situações extremas que presenciei – disse ele, desviando a conversa. – Em todos esses anos, contudo, você sabe qual delas me foi a mais surpreendente?

– Não faço ideia.

– O dia em que nós vimos Babau *matar* João Hanson.

Maria travou com a resposta.

– Nós estávamos lá – continuou ele, com os olhos fixos nos dela. – Nós vimos o garoto agonizar, antes que a Rainha Terra adentrasse e destruísse a maga negra. E, ainda assim, ver uma fada abdicar da condição humana para se tornar um instrumento de guerra não me foi a coisa mais surpreendente naquele dia. Porque a coisa mais espantosa que eu já vi em todos os meus anos de vida foi a menina Ariane Narin apanhar aquela Pedra da Criação, negociar com a Morte e trazer João Hanson de volta para os braços dela.

Duas lágrimas desceram pelo rosto de Maria, sem que ela nem mesmo notasse.

– Aquela menina não foi treinada para aquilo. Ela não era uma clériga, não era uma sacerdotisa ou uma estudiosa. Na verdade, ela nem mesmo imaginava com que tipo de forças estava mexendo! Ela simplesmente foi lá e fez. Sem dúvidas, sem medo. Revertendo o inevitável, baseada apenas em um sentimento de *amor*. Mas quando eu digo “amor” aqui, eu não estou falando do amor que nós *pensamos* que compreendemos, ou que podemos tentar demonstrar de alguma maneira. Eu estou falando de um sentimento maior do que a vida, entende? Um sentimento capaz de gerar vida, de sacrificar a própria

vida. E esse sentimento que aquela menina demonstrou por aquele aprendiz de cavaleiro naquele dia na Catedral da Sagrada Criação... esse sentimento é maior do que nós, humanos. É maior do que os semideuses que dão vida a Nova Ether. *Esse sentimento* nos conecta com o tal divino tão distante de nós. Você compreende?

Maria limpou as lágrimas da face, enfim as percebendo. Sim, ela compreendia. Ela até mesmo já havia sentido aquilo por alguém, uma única vez.

Uma única e maldita vez.

## 10

---

— **V**ocê não está falando sério, né? – perguntou Ariane ainda dentro do trem parado, sentindo falta de ar. – Tipo, nem um pouco, né?

João não quis sorrir, para que ela acreditasse.

– Eu brincaria sobre *isso*?

– Mas... mas... você acha que estaria pronto? Mais ainda: acha que *eu* estaria pronta? E, tipo, você quer *realmente* passar a ter um laço eterno comigo?

– Ariane, eu ressurgi das cinzas várias vezes na minha vida – lembrou João. – Na Casa de Doces, no duelo contra o Conde de Ódio, na batalha com os escudeiros pela segurança da Rainha. Mas foram dois os momentos da minha vida em que eu voltei da morte. Naquela catedral quando Babau tentou se vingar, e na floresta quando Rastyara me deixou aleijado e entregue à própria sorte. Nas duas vezes, eu voltei

*por você. Eu voltei pra você. A sua inicial está tatuada nas minhas costas, o seu nome está cravado na minha árvore. E você me pergunta se eu quero realmente passar a ter um laço eterno contigo? Esse laço já existiu quando eu vi você pela primeira vez! A menina do chapéu vermelho, cercada por meninos mais velhos que nunca conseguiram te intimidar. Quando eu entro numa batalha, você é meu escudo, porque é o motivo pelo qual eu preciso sobreviver. Você é a pessoa mais espontânea, mais autêntica, mais verdadeira que eu conheço. Porque você nunca foi pela metade, Ariane. Você sempre foi por inteiro! E se isso não é estar pronta, e se isso não é tudo que um ser humano gostaria de ser parte ao vir a esse mundo, então ninguém está pronto. Porque ninguém nesse mundo seria capaz de ser mãe melhor do que você.*

Ariane tremia. Não era medo, nem excitação, mas algo em alguma região entre esses dois sentimentos e que estava em chamas. Ela queria respirar, falar, gritar, mas o ar era rarefeito. O vagão começou a tremer com o barulho da ignição do motor e do apito, indicando a partida iminente, e ela nem mesmo se importou. Alheia ao momento histórico, Ariane pulou em cima de João Hanson, derrubando-o pelo chão e dominando a atenção de todo o trem. Soldados fizeram menção de ir até os baderneiros, mas, ao reconhecer o casal, a Rainha Branca sorriu e fez um sinal para que eles não se envolvessem.

– Eu te amo – disse ela em cima dele, quando o ar retornou. – Eu *simplesmente* te amo.

Os lábios deles se encontraram e eles ali permaneceram, sem se importar com a reação das pessoas ao redor. Sem se importar com qualquer tipo de História que não fosse a deles dois.

*Porque você nunca foi pela metade, Ariane.*

Como se fossem o casal mais completo daquele Reino. Como se fossem o casal mais amado. Como se fossem o casal que todos nós gostaríamos de ser.

*Você sempre foi por inteiro.*

O primeiro trem de Nova Ether partiu, levando com ele uma parte do amor do mundo.

## 11

---

O galeão que singrava o mar naquele dia em direção leste possuía mais história somente em seu nome do que algumas gerações inteiras de famílias. Com seus três longos mastros sustentando uma meia nau de quarenta e oito metros, ao longo de sua existência o Jolly Rogers já havia sido base de diversos capitães piratas que disputavam entre si o título de pior dos mares.

Dentre eles, três se destacavam.

O primeiro era James Gancho. Implacável, obcecado, sanguinário. A verdade é que Gancho não tinha sido o primeiro capitão de um navio pirata a se tornar uma lenda, mas talvez tivesse sido o que despertou mais histórias sobre os feitos que cometera, os que acharam que ele havia cometido, e os que ninguém imaginou que ele havia sido capaz de cometer. Saqueador e comerciante de escravos, fez fortuna ao transformar o tráfico de pó-de-fadas de um negócio de submundo em um negócio intercontinental, e terminou com a mão comida por um crocodilo e o corpo pulverizado em um ritual de bruxaria incompleto.

O segundo era Jamil Coração-de-Crocodilo. Filho bastardo de um James Gancho já vencido pelo tempo e pelo câncer, o jovem trouxe, aos 19 anos, vitalidade aos negócios violentos da família ao abrir o peito do velho crocodilo-poroso que arrancara a mão de seu pai, e emergir com o coração do bicho. Mais estrategista do que Gancho, Jamil fez alianças

com bruxas vingativas, manipulou a Coroa Real e até mesmo enlouqueceu o maior dos Reis. Terminou aleijado, sem uma perna, e enxergando com apenas um dos olhos.

O terceiro e atual capitão ainda estava construindo sua fama, mas suas histórias já ganhavam uma originalidade que o destacava dentre os demais. Antigo marujo de Jamil, e também de Gancho, o atual capitão do Jolly Rogers era dono de uma fama que misturava realidade, fantasia e misticismo. Mais racional do que os outros, mesmo seu nome trazia o peso de uma reputação construída com essas bases.

Snail Galford, o Sobrenatural.

Snail Galford, o *Simbad*.

É difícil dizer como sua história terminará.

– Bandeira de Albion no mastro a nordeste! – gritou Twist, um dos jovens piratas do galeão, com um dos olhos em uma luneta no alto do mezena, o mastro traseiro.

O grito ecoou pelo navio com a importância de um sino de emergência. Cada pirata correu para o seu posto, de acordo com sua função em meio à tripulação de mais de duas centenas de pessoas. Havia ali os marinheiros que controlavam cabos, cordas e âncora no cabrestante. Havia os trios que se revezavam ao longo de trinta canhões espalhados pelo convés. Havia os homens-gancho que conectavam o galeão com o navio a ser saqueado. E havia os batedores, prestes a iniciar a invasão com espadas nas mãos e facas nos dentes.

Apesar de parecerem agentes do caos a um observador de longe, aqueles que vivessem sua realidade marginal de perto, porém, acabariam por perceber que na verdade existia uma organização deveras impressionante por parte daqueles homens do mar, ao menos quando se tratava de invadir, dominar e matar. Um dos piratas no convés correu até o aposento localizado no fundo e bateu três vezes na porta com ritmos diferentes. Duas vezes mais rápido. Uma mais lenta.

Sem demora, a porta se abriu. Do fundo do galeão, da cabine do capitão, saiu Snail. Os anos e a vida no mar o haviam deixado com uma aparência dez anos mais velha e um corpo mais forte e castigado. O rosto continuava com poucos pelos, mas exibia machucados, cortes, hematomas em processo de cura. Em vez do sobretudo, vestia uma camiseta branca com manchas de sangue que não eram dele. Cordões de ouro ao redor do pescoço, anéis de rubis ou com caveiras esculpidas em alguns dos dedos das mãos calejadas. Uma calça de lã apertada presa com um cinto grande de couro se conectava a um coturno de detalhes dourados. Quando a luz do sol se refletia na pele negra, ela não refletia a imagem do marujo que um dia sofreu humilhações naquele convés.

Ela refletia a imagem de tudo o que todos aqueles marujos que eram humilhados naquele convés gostariam de se tornar.

– Não sabia que cavaleiros conseguiam navegar... – disse um velho de barba e cabelos longos grisalhos, ao notar a chegada do líder pirata enquanto virava uma garrafa com uma mistura de rum, ácido sulfúrico, querosene, acetona, corante vermelho número 2 e pepperoni.

– Eles não conseguem – comentou Snail Galford. – Por isso seus navios afundam.

O velho achou graça. Seu nome era Jim Hawkins, o único homem a decifrar o local do Grande Tesouro do lendário pirata J. Flint. Tempos atrás, ele havia sido uma lenda entre os homens do mar, e gostaria de ter morrido assim, mas Snail Galford decidiu resgatá-lo de uma prisão em forma de calabouço e não lhe sobrou muita opção que não a de tentar ao menos manter sua reputação lendária antes do fim. Em retorno, Jim Hawkins tentou traí-lo e se unir a Jamil Coração-de-Crocodilo, mas Snail não apenas enganou os dois, como lhe arrancou uma das mãos com um machado e o batizou Jim, o Maneta.

– Nada incomum – disse uma voz recém-chegada. – Eles não são os únicos em alto-mar a não terem noção de suas reais limitações.

A voz vinha acompanhada de ódio. Mancando graças a uma perna

de pau que fazia um baque surdo toda vez que batia no chão do convés, Jamil, o Manco, se aproximou. Os cabelos pretos, longos e desgrenhados lhe desciam pelas costas do corpo esguio, usando uma calça de couro e blusa de lã com uma parte do peito aberta. No rosto esticado e cheio de feridas apresentava uma barba escura vasta e que se estendia para todas as direções, além do olho de vidro que lhe tornava assombroso.

– Sabe o que fazemos com pessoas sem reais noções de suas limitações? – perguntou Snail. – Nós lhes damos uma lição.

– E seguimos torcendo para que essa lição não se volte contra nós – acrescentou Jamil.

– Ou que as teorias sobre elas não nos entediem – disse Jim.

Snail e Jamil olharam para ele como se fossem um casal vendo uma discussão pessoal interrompida por uma terceira pessoa.

– Por mais entediantes que possam ser essas discussões, ainda assim é bom que existam – disse Snail. – Pensar sobre elas pode ser a diferença para se manter algumas partes do corpo.

Jamil, o Manco, e Jim, o Maneta, se calaram.

Como eles gostariam de matar aquele pirata.

– As crianças já estão discutindo a essa hora? – perguntou uma voz feminina ao fundo, a última a se juntar àquela reunião.

Anos já haviam se passado, mas, toda vez que Liriel Gabbiani surgia, o navio se tornava diferente. Saindo da mesma cabine do capitão de onde viera Snail, ela andava com graça quase felina. Cabelos ruivos sempre curtos, sardas na face de pele branca, mas, ainda assim, um pouco mais bronzeada na medida em que o sol castigava aquele navio. Vestia uma calça preta justa com um cinturão na parte de cima, e uma bota tão alta na parte de baixo que lhe subia até os joelhos na forma de um grande funil. Um lenço branco se amarrava em sua cintura, descendo o excesso pela lateral. No tronco, um espartilho de cor rubra, deixando de fora os braços, uma parte dos seios e o pescoço.

De resto, um colar de ostras, tiras de couro ao redor dos bíceps, luvas que lhe subiam pelo antebraço e brincos de pérolas.

Um dia Snail Galford admitiu que precisava dela, que ele iria trilhar caminhos sombrios e que Liriel era a pessoa que iria manter a sua humanidade. A função pareceu se sobrepor a apenas ele e se estender a todo o Jolly Rogers. Para uma tripulação formada principalmente por jovens adolescentes, Liriel Gabbiani era o mais próximo de um ponto de luz e calor em um mundo trevoso e frio.

– Apenas um bom momento entre amigos – disse Snail a ela.

– Sim, estávamos comentando o quanto nossa amizade é tão preciosa que daríamos um dos olhos, uma das mãos ou mesmo uma das pernas por ela – disse Jim.

Liriel riu.

– Você não muda, não é mesmo, velho Jim? – perguntou ela.

– É o preço dos perfeitos – disse Jim, bebendo mais um pouco da bebida híbrida. – Somos tão preciosos que os invejosos querem nos desfigurar.

– É o ciclo da vida – afirmou Snail, se aproximando de Liriel. – Os invejosos desfiguram os perfeitos. E depois passam a ser invejados.

Em um movimento tão abrupto quanto provocativo, Snail Galford passou a mão ao redor da cintura de Liriel Gabbiani e trouxe o corpo dela junto do seu, fazendo as línguas se encontrarem em um beijo que parou o navio ao redor. Observando a cena, Jim Hawkins suspirava como se se dando por vencido, Jamil apertava os dentes, pulsando as veias visíveis no rosto, e os capitães de areia... bem, eles apenas confirmavam nas expressões que Snail Galford era tudo o que queriam se tornar.

– Uau – disse Liriel quando ele se afastou dela. – Eu não estava esperando tudo isso pela manhã...

Enquanto caminhava na direção do último mastro, Snail comentou:

– É preciso fazer jus quando se quer ser invejado.

Liriel tapou o rosto.

– E o que você pretende fazer em relação aos seus amigos de Albion? – perguntou ela.

– Vamos descobrir.

Na base do mezena, Snail agarrou o mecanismo com a ponta de um gancho, preso a um sistema de cordas. O sinal foi dado e, do alto, o pirata da luneta liberou um peso de ferro também conectado ao mecanismo de cordas, que desceu com violência, erguendo o gancho junto com Snail em violenta velocidade para cima. Ao chegar no topo, o pirata apenas saltou para a estrutura na ponta do mastro como se os seres humanos tivessem nascido para fazer coisas assim.

– Deixa eu ver – ordenou Snail, tomando a luneta do subalterno. – Corveta! Dá pra contar três canhões desse ângulo, se eles tiverem realmente coragem de usar pólvora negra. Por alto deve ter uma média de setenta pessoas, ocupadas demais até hoje procurando espadas no fundo do mar.

– Vale a pena o risco, *pai*? – Apesar do tempo, o termo ainda fazia Snail sorrir. Aquele marujo era um de seus capitães de areia, meninos órfãos como ele havia sido um dia, que tomou para sua tripulação e responsabilidade, espalhando entre eles o senso de família que nunca tiveram. Moleques que iniciaram naquele navio como crianças e hoje se apresentavam como adolescentes quase adultos.

– Como andam suas facas?

– Nada que não fure, mas um pouco enferrujadas – respondeu Twist.

Snail sorriu com a resposta, abaixando a luneta.

– Então vale a pena.

O seu capitão de areia sorriu, anunciando ao navio em berros que quicavam nas ondas do mar:

– Preparar invasão! O capitão ordenou: preparar invasão!

Marujos movimentaram as vergas dos mastros, aproveitando a força dos ventos daquele dia e direcionando as velas na direção do navio a ser atacado. Do alto do mastro do galeão, observando sua

tripulação se colocar em prontidão para um ataque ordenado por ele próprio, Snail Galford continuou a sorrir.

## 12

---

— **V**ocê se incomodaria se eu roubasse João por alguns minutos, senhora Hanson? – a pergunta partia de Rinaldo Grimaldi para Ariane Narin.

Ela *adorou* aquela forma de tratamento.

– Olha aqui, senhor Grimaldi, o senhor pode ser capitão da Guarda Real agora e tudo o mais, mas eu estou de olho no senhor, tá bom?

Rinaldo travou em um sorriso de choque. Aquela menina era a única em toda Andreanne que se atreveria a falar com alguém em sua posição daquela forma, e fazê-lo achar graça em vez de se sentir ofendido.

– Ariane... – lamentou João, querendo se esconder embaixo da poltrona.

– Nem vem, vocês dois! Eu não me esqueci daquela sua lady assanhada dando em cima do meu homem, não, tá bom?

Rinaldo ainda era sorriso em vez ficar ofendido. Quando João Hanson era seu escudeiro, para testar a lealdade de seu pupilo ao código de cavaleiro, ele havia pedido que sua noiva prometida, lady Almirena Goffredo, lhe colocasse à prova, com tentação. No fim, João Hanson passou no teste e foi consagrado cavaleiro diante de sua família, amigos e do general e magistrado Lorde Wilfred de Ivanhoé.

– Foi um teste, Ariane! Não me envergonhe na frente de lorde Grimaldi!

– Ah, *agora* o senhor está envergonhado, é? – ressaltou Ariane. – Quando eu te peguei só de toalhinha com a *lady* saindo do seu celeiro, eu não vi vergonha nenhuma não!

Rinaldo franziu a expressão e olhou sério para João.

– Que história é essa, Hanson?

João engasgou, e gaguejou algumas palavras incompreensíveis. O rosto corou. As mãos começaram a suar e a palpitação cardíaca se intensificou, diante dos olhares fixos nele.

Então os olhares relaxaram e começaram a rir da cara dele.

– É piada, seu cabeça-oca! – disse Ariane. – Pra alguém que já viveu tanta coisa, você é bem fácil de enganar!

Ariane e Rinaldo bateram uma palma na outra, como se fossem amigos de infância, não o capitão de uma Guarda Real e a senhora de um cavaleiro. Ariane em seguida se levantou e disse:

– Eu vou deixar vocês a sós um pouco pra conversarem coisas de garotos!

Ela começou a andar pelo vagão, até que olhou para trás e apontou para Rinaldo:

– Mas, ó! Estou de olho, hein?

Ela saiu. Rinaldo continuava a sorrir. João continuava a corar.

– Ela é uma garota única, você sabe disso, não? – comentou o capitão.

– Senhor, por favor, me desculpe se se sentiu ofendido com qualquer...

– Relaxe, Hanson! Sua *lady* tem razão: para alguém com a sua experiência, você é bem inocente às vezes!

João suspirou, permitindo-se relaxar, e enxugando as mãos.

– O senhor tem toda razão, *senhor* – disse ele.

– É exatamente sobre experiência que quero falar contigo.

João não escondeu a surpresa.

– Senhor?

– Você completou cinco anos no exercício de sua função de cavaleiro. Como dita o código, você agora tem direito a um escudeiro.

João chegou a projetar o corpo para trás em reflexo.

– É mesmo? – perguntou mais para si que para o antigo mentor. – O tempo passa rápido.

– Você diz isso pra mim? Meu herdeiro vai completar três anos!

– Assombroso – voltou a comentar para si João. – Quando me tornei seu protegido, lady Almirena ainda estava para se tornar sua esposa.

– Quando você se tornou meu protegido, não existiam *trens*.

João apertou os lábios e balançou a cabeça, dando-se por vencido.

– Senhor, posso fazer uma pergunta?

– Diga – permitiu Rinaldo.

– Como é ser pai?

Rinaldo deteve-se por um momento, admirado pela pergunta.

– *Como é?* Sabe, é difícil te explicar a princípio. É um misto de sensações *estranhas*. Você olha aquela coisa pequenina, se mexendo, com os seus traços, ou, até com um pouco mais de sorte, com os traços da sua esposa, e você sabe que a sua vida mudou a partir dali.

– *Mudou* em que sentido?

– Antes, você vive *pra você*. Mas, a partir do momento em que você vira pai, passa a viver *pra outra pessoa*, entende? Não tem como explicar sem passar pela experiência, mas você simplesmente *sabe* que a partir daquele momento a sua existência passa a ter um novo propósito. Se eu tivesse de resumir a paternidade em uma palavra, eu diria: *preocupação*. O que posso te dizer da minha experiência é que é isso que a sua vida passa a ser. Você fica preocupado se o seu pequeno está com fome, se está com febre, você checa de tempos em tempos se ele está *respirando*! Mas toda essa cautela tem um motivo forte por detrás. Ela é um reflexo de um tipo de conexão tão forte que te faz ter medo o tempo inteiro apenas da possibilidade de perdê-la, entende?

João balançou a cabeça, desfocando o olhar. Ele compreendia. Um sentimento estampado nos rostos sulcados de Hígor e Erika Hanson, repletos de olheiras e olhos vermelhos de pranto, ao reencontrar seus filhos desaparecidos por dias em meio à arapuca de uma bruxa canibal.

– Mas, se você já está pensando nisso, vai ter a oportunidade de treinar um pouco do que viria a ser quase uma responsabilidade paternal, Hanson – anunciou Rinaldo.

– Como assim, senhor? – perguntou João, retornando a atenção à conversa.

– Quando retornarmos a Andreanne, eu não quero que você apenas escolha seu escudeiro. Eu quero que organize o processo de seleção dos escudeiros desse ano. Você se acha apto para isso?

– Eu... eu não sei o que dizer, senhor!

– Isso é um *não*?

– Não, não! – disse João, novamente embaraçado. – Eu quis dizer...

– Você quis dizer não duas vezes, eu entendi – disse Rinaldo, se levantando. – É uma pena, eu realmente esperava contar com você...

– Não, não, senhor! Quero dizer, sim, sim senhor! O que eu quis dizer é que...

– Relaxe, Hanson! Eu entendi – disse Rinaldo, virando-se no meio do vagão em sorriso, como Ariane também havia feito. – Mais vivência, menos inocência, lembra?

João suspirou, ainda querendo se esconder embaixo da poltrona.

ma esfera de ferro viajando a 250 metros por segundo EXPLODIU um dos mastros do navio atacado, e aquele foi apenas mais um som de destruição em meio ao pandemônio. Ganchos na ponta de cordas acoplavam o galeão pirata ao corveta escolhido como alvo de ataque, em enganchamentos simultâneos que tomavam da popa à proa. A tripulação invasora se movia como bichos do mar, saltando de um navio para o outro não apenas dotados de uma naturalidade espantosa, mas também de uma selvageria que tornava a ação ainda mais impactante do que já seria.

No corveta de Albion, marinheiros sacaram espadas médias, machados e escudos. Do outro lado, os marujos e os capitães de areia de Snail Galford atacaram com sabres, machados e facas de arremessos. O que se via na sequência era um festival de lâminas se cruzando, enquanto o som dos metais colidindo se tornava o som do mar. O mastro detonado tombou em meio ao convés, danificando a madeira, destruindo uma parte da amurada e esmagando meia dúzia de pessoas. Um dos piratas de Snail esfaqueou pelas costas um dos marujos com um escudo, mas escorregou no sangue do ferido, tombando e sendo morto em seguida. Um capitão de areia de 14 anos recebeu um chute no peito e caiu no meio do digladio de oito pessoas. Sem pensar duas vezes, ele esfaqueou os pés e cortou tendões dos tornozelos que reconheceu como de inimigo, antes de ser pisoteado. Um marinheiro de Albion perfurou o abdome de um pirata adulto, mas o corte foi tão profundo que ele não conseguiu retirar a espada do corpo inimigo antes que tombasse com ela. Como consequência, ele não teve o que fazer quando um pirata de 16 anos atirou uma faca entre seus olhos. Esse mesmo pirata acertou mais dois da tripulação inimiga, antes que uma flecha lhe perfurasse a garganta e o fizesse cair em pleno mar.

Localizado no alto de um dos mastros ainda de pé, dois arqueiros causavam estrago considerável na tripulação pirata que invadia seu navio. Um deles chegou a conseguir um bom tiro com uma curva impressionante diretamente em um dos piratas que operavam os

canhões, atingindo-o no ombro. Um segundo tiro iria matar o companheiro que tomou o lugar do canhoneiro, mas Liriel Gabbiani moveu a flecha para longe.

Liriel, inclusive, tinha um papel à parte. Desde que fora submetida ao treinamento intensivo e psicológico que Snail a colocara para dominar suas habilidades, ela havia aprendido, se não a suprimir por completo, ao menos a dominar seu maior inimigo: o choque diante de violência. Ela ainda não era capaz de matar, talvez nunca fosse. Mas, se ainda não totalmente capaz de agir, ao menos em situações extremas ela passou a ser capaz de *reagir*. Realizando um papel defensor importante, Liriel Gabbiani não apenas refletia flechas e balas de canhão, como arremessava ao mar soldados que tentavam passar do navio atacado para o Jolly Rogers.

Dois outros integrantes também jamais abandonavam o Jolly Rogers nesse tipo de ataque, ambos pela deficiência. Jim, o Maneta, se ocupava em ditar ordens aos canhoneiros, enquanto Jamil, o Manco, se ocupava de ditar ordens aos piratas que ficavam para defender o navio. Ainda que sem um dos olhos e com um pedaço de madeira para lhe servir como o pedaço de perna faltante, com um sabre nas mãos Jamil era um matador mais temido do que muitos cavaleiros sem armaduras.

Por fim, restava o líder. Por mais acostumado que toda tripulação do Jolly Rogers estivesse com abordagens invasivas como aquela, ninguém se movimentava de um navio a outro como Snail Galford. Vê-lo correr pelas cordas e saltar pelas velas era de fato quase uma experiência *sobrenatural*. Naquele dia, ele inicialmente correu pelo castelo de proa, de onde um dos ganchos havia partido, e se esgueirou por uma das cordas apenas andando pela linha formada. A questão é que muito de suas novas habilidades se deviam a Liriel Gabbiani. Assim como ele a havia ajudado a potencializar seus talentos, ela havia feito o mesmo com ele. Snail era um ladino, acostumado a agir nas sombras, desaparecer, se movimentar de maneira suave.

Liriel, porém, era uma acrobata.

Filha única de um dono de circo traído e levado à falência por nobres corruptos, Liriel cresceu aprendendo a saltar em trapézios, andar em cordas bambas e dar saltos mortais em círculos de fogo.

Tudo o que Snail Galford precisava aprender.

Saltando como um bicho pela enxárcia do navio de Albion – os degraus roliços feitos de corda que sustentam os mastros – em pouco tempo ele teve acesso às vergas de onde os arqueiros matavam seus homens. Uma de suas facas rodopiou no ar e o corpo de um dos arqueiros tombou no convés. Snail puxou mais duas do casaco. O arqueiro ainda vivo tentou armar um tiro, mas o nervosismo do líder pirata avançando sobre si fez com que os dedos escorregassem e a flecha fosse atirada para cima, de uma maneira até um tanto ridícula. Sem opção, o atirador puxou uma espada média e tentou golpear por duas, três vezes. Dois golpes acertaram o vazio, o terceiro bateu em duas lâminas. Uma delas escorregou, abaixando a arma, a outra correu por outro ângulo, arrancando dois dedos dele. Snail girou as duas lâminas, prestes a matá-lo, mas, antes disso, perguntou:

– Morte ou rendição?

Com o rosto em choque e repleto de vermelhidão, dois dedos sangrando e um navio tomado, do alto do mastro o arqueiro começou a gritar:

– Rendição! Rendição! Albion, rendição!

O grito se espalhou por um navio já tomado pela derrota. Como resultado, marinheiros ainda vivos jogaram suas armas no chão e ergueram os braços. Alguns poucos ainda se recusaram a atender ao chamado e tentaram morrer como heróis, mas apenas morreram, e nem mesmo nessa história serão lembrados.

Como costumava acontecer, em seguida ao triunfo, o grito de êxtase dos piratas ecoou pelas ondas. Aquela era a primeira parte do ritual de vitória. A segunda consistia em aquela tripulação se virar para o corsário que as liderava e gritar como fanáticos o nome:

– Simbad! Simbad! Simbad!

Do alto do maestro ainda de pé, diante do arqueiro que anunciara a rendição, Snail Galford abria os braços para receber aqueles gritos como um alimento.

Observando a cena do Jolly Rogers, Liriel Gabbiani sorria.

Jim, o Maneta, dava de ombros.

Jamil, o Manco, cuspiu no chão.

## 14

---

O Rei Anísio Branford e sua Rainha Branca Coração-de-Neve estavam destacados em uma cabine do tamanho de um quarto, localizada ao fundo do primeiro trem de Arzallum. Guardas reais bloqueavam a entrada, isolando-os dos demais passageiros. Do lado de dentro se encontrava luxo na forma de poltronas acolchoadas, almofadas de penas de aves, garrafas de bebidas, frutas em bandejas de prata. O custo daquele luxo, que também estava ali, era a eterna preocupação que cerca a vida de todos os Reis.

– Os preparativos devem estar adiantados – comentou Branca.

A Rainha falava sobre a cerimônia que aconteceria em pouco tempo no Grande Paço, e novamente traria outros Reis a Arzallum. Como no dia de posse de Anísio, como no dia da vitória de Axel no Punho De Ferro. O motivo não poderia ser mais justo: a comemoração de cinco anos da vitória de Arzallum sobre a *Batalha da Terra e do Céu*.

A batalha em que Anísio Branford liderou humanos e venceu o exército de Minotaurus em terra, e Axel Branford liderou elfas-amazons e venceu o exército de Brobdingnag nos céus.

A batalha que uniu homens e elfos contra homens e gigantes.

A batalha que finalizou a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

– É você quem tem de me dizer – acrescentou Anísio. – Hoje em dia você comanda aquele Paço mais do que eu.

Ela sorriu com o comentário. E não negou.

– Cinco anos que passaram rápido, não é? – perguntou o soberano.

– Você acha? Pareceu uma eternidade pra mim, mais ainda se pensarmos em tudo o que aconteceu depois da guerra.

Era verdade. Muito se tirou daquela batalha.

A Capitã Bradamante se tornou a primeira mulher a se consagrar major, Ruggiero se consagrou capitão dos Cavaleiros de Helsing, capitão Lemuel Gulliver se reintegrou à marinha de Arzallum, Sabino von Fígaro se aposentou, João Hanson se sagrou cavaleiro, Petter Pendragon voltou a voar.

Gnomos construíram Colmeias de Etherpunk.

O primeiro trem de Arzallum partiu.

Isso tudo é parte do que você sabe sobre aquele período e continua a ser contado nas ruas, nas escolas e nos livros. Mas o que você provavelmente não sabe, ou, se sabe não tem certeza, foi o que aconteceu nos anos seguintes com o inimigo subjogado de Arzallum, o autoproclamado Imperador Victon Ferrabrás. Após sua derrota e de seus aliados, Ferrabrás foi submetido a um julgamento militar diante de uma bancada formada de Reis vencedores, comandado por Robert de Locksley.

Eu não vou mentir para você: um pouco menos da metade do júri votou pela pena de morte naquele dia.

Arzallum não.

Apenas essa decisão já demonstrava a diferença entre Anísio e Primo Branford.

O Rei Primo teria preferido Ferrabrás morto.

O Rei Anísio o preferia vivo.

O raciocínio era direto: diante do júri formado de aliados, Anísio

Branford defendeu que Ferrabrás morto se tornaria um mártir que o próximo líder de Minotaurus utilizaria como razão para uma nova guerra. Sua figura histórica seria aumentada, novas estátuas seriam erguidas e todos os presentes ali seriam descritos como tiranos que esmagaram um orgulho nacional que os minotaurinos precisariam resgatar.

Já um Victon Ferrabrás em prisão perpétua seria apenas um líder derrotado. Seria apenas a lembrança de um fracasso.

Um autoproclamado Imperador sem nada mais a proclamar.

O raciocínio convenceu o júri, e, ao final da votação, esse foi o veredito de Victon Ferrabrás: a prisão perpétua a ser servida nas terras de Stallia até sua morte. Aos Reinos que se aliaram a Minotaurus durante a guerra, como Rökk, liderado pelo Rei-Fera Wöö-r, Uruk, liderado pelo Rei Gilgamesh, e Brobdingnag, liderado pelo Rei Blunderbore, foi baixado um embargo, proibindo os Reinos aliados a exportar, importar ou participar de outras atividades econômicas e militares com os derrotados até que eles aceitassem as condições propostas pelo comitê formado e aceitassem o Rei Anísio Branford como o Rei dos Reis.

Esse isolamento econômico e social levou ainda mais pobreza a Reinos já devastados pela guerra, e o ódio por Arzallum e por seus Reinos aliados aumentou. Sem recursos, mas ainda se recusando a acatar os tratados propostos, os Reinos isolados passaram a fazer negócio apenas entre si, reduzindo a qualidade de todos os seus setores. O que isso quer dizer é que passou a ser comum você andar por ruelas repletas de humanoides sem casa, maltrapilhos, ditando suas próprias leis paralelas com gangues de rua e matando uns aos outros por comida. E isso sem contar o aumento do tráfico de pó-de-fadas, que explodiu a níveis jamais atingidos antes.

Afinal, quando a realidade era dura ao ponto de se tornar surreal, a maioria preferia se transportar para mundos imaginários.

O isolamento comercial também aproximou os derrotados dos

Reinos Esquecidos, localizados a noroeste do continente do Ocaso, e formados por tribos, vilas e aldeias que falavam seus próprios idiomas, nutriam sua própria cultura e liderança, e não eram nem unidas, nem grandes ou desenvolvidas o suficiente para serem consideradas um Reino próprio.

Na verdade, para a maioria do mundo considerado *civilizado*, os Reinos Esquecidos eram considerados selvagens. Terras compostas principalmente por densa floresta, e humanoides e animais indomáveis, exóticos demais para dominar sua curiosidade e preocupação. Quando alguém decidia visitar seu território, normalmente o fazia com o intuito de caça selvagem, catequização de religiões semidivinas ou a busca por mais informação sobre o Reino mais isolado de Nova Ether. O Reino desconhecido, que gerava no resto do continente uma eterna curiosidade mórbida.

O Reino de Oz.

O Reino utilizado como exemplo de tudo o que os outros Reinos não queriam se tornar. O Reino sombrio comandado pelo mago-linche Oscar Zoroaster, a quem quase ninguém sabia a origem.

O único Reino a se isolar por completo da Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

– Existe algo que lhe preocupe em específico nesse encontro? – perguntou Branca. – Desde o julgamento de Ferrabrás você não revê seus tios.

– Meus tios em si não me preocupam. Mas sempre que Reis se encontram, eles dividem suas preocupações. Isso é o que me preocupa.

– Ao menos Stallia está sendo comandada por um Primeiro-Ministro de confiança em seu Parlamento.

– Apenas porque lhes roubei sua Rainha.

– Sua melhor ação como Rei.

Ele tocou o rosto pálido dela e a puxou para junto de si. Os olhos dela refletiam memórias de tudo o que ele já havia passado para merecer aquela mulher.

– O que você acha? – perguntou Anísio. – Se ele pudesse me ver como Rei no lugar dele... você acha que...

– Ele diria que não poderia haver alguém melhor. Que ele não poderia ter treinado você melhor.

– Não mesmo? – Os olhos de Anísio se desfocaram. – Axel foi treinado diferente, e também liderou um exército e venceu uma guerra.

– Axel venceu um torneio, e venceu uma grande batalha. *Você* venceu uma guerra.

Anísio se calou, querendo acreditar no que ela dizia.

– Será que uma guerra foi o suficiente?

– Se não for, nós também venceremos outras – afirmou ela.

Anísio ainda queria acreditar no que ela dizia.

– Mesmo contra bruxas e gigantes?

– Sim – disse ela com um fervor que contrastava com a palidez. – Seja na terra dos homens...

“Seja nas terras do Nunca.”

## 15

---

**D**izem que as histórias e os mitos daquele lugar foram construídos pelas pessoas que nunca pisaram lá. Falam sobre ser uma terra em que nunca chove e nunca se adoce. Falam sobre céus tomados pelo voo de crianças-elfos e casas erguidas ao longo de árvores, diante dos portões de Mantaquim. Falam sobre uma civilização de elfas-amazonas de pele bronzeada e olhos sem pupila, liderando indígenas moicanos como serviçais. Uma ilha que refletia tonalidades em verde e azul e

exalava cheiros de plantas exóticas que só existiam ali. Uma localidade tão extraordinária que permitia acesso apenas aos que acreditavam em sua existência.

A terra que para aqueles que lá viviam eram as terras de sempre. Mas para todos os outros eram as terras do Nunca.

Era o período mais frio no ano naquele lugar, mas mesmo períodos de frio naquelas terras seriam considerados períodos de calor para outras culturas. A temperatura variava ao redor da casa dos 20 graus, mas o vento que vinha do mar sempre parecia nadar de braços dados com uma brisa mais gélida do que de costume. As colmeias-dormitórios ainda abrigavam o povo moicano, elfas-amazonas ainda guiavam tigreses e crianças-elfos ainda exerciam a função de médicos e curandeiros, enxergando os feridos além dos corpos físicos. Mas o Nunca estava diferente.

Porque alguns de seus elfos cresceram.

E um deles passou a voar.

O fenômeno havia acontecido durante a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether, na batalha contra Brobdingnag, cinco anos atrás. Uma batalha em que 1.500 fadas montando dragonesas invadiram o Reino Gigante ao lado de seis elfos animais crescidos. Para o mundo, o motivo daquela batalha se concentrava na criança humana tomada refém pelo Rei Blunderbore, e considerada por muitos a reencarnação do salvador Merlim. Para Petter Pendragon, porém, sua motivação mirava um objetivo extremamente particular: recuperar o corpo de sua antiga amada Wendy Darling, embalsamado como um troféu pelo exército gigante.

Em pleno Palácio Ímpico, em um ato final antes de assumir derrota, o Rei Blunderbore arremessou o corpo em direção ao abismo abaixo diante do Rei Petter, para que, ao menos ali, ele experimentasse um último sabor de vitória sobre o Elfo-Rei.

O que se viu, porém, foi magia.

Tomado pelo desespero, Petter Pendragon correu e arremessou a si

próprio em um salto de fé na direção do corpo em queda, e de suas costas se rasgaram asas de dragões retraídas que lhe permitiram se reconectar com a pureza que apenas as crianças-elfas tinham.

E assim Petter Pendragon voou mais uma vez.

Ao lado de elfos e fadas-amazonas naquele dia batalhava um humano, porém, e seu nome era Axel Branford.

Segundo-príncipe de Arzallum.

Campeão do mundo de pugilismo.

Noivo prometido de Livith, princesa do Nunca.

Assumindo um compromisso traçado pelos pais há tempos, Axel trocou Arzallum pelo Nunca e se casou com Livith, garantindo no ato a aliança do povo élfico e o cumprimento da palavra de sua família.

Em troca, *apenas* a renúncia do grande amor de sua vida.

Renegar Maria Hanson, porém, não foi a única dor com a qual Axel teve de conviver ao longo daqueles anos. Todas as noites ao se deitar, outras marcas se espalhavam pelos pensamentos, maculando suas tentativas de sono.

Primo Branford sendo morto por Babau, em um ataque articulado por Jamil Coração-de-Crocodilo enquanto ele não estava em Andreanne.

Terra Branford morta para sacrificar sua própria existência. Um sacrifício para que ele continuasse vivo.

Anísio Branford transformado em um grotesco homem com pele leprosa anfíbia, amaldiçoado por Bruja. Um Anísio que havia saído de Andreanne após Axel lhe dizer que gostaria que ele morresse.

Moonwarkston, seu antigo guarda-costas troll Muralha, provavelmente seu melhor amigo, morto nas mãos de um Mestre Anão.

Maria Hanson nos braços de outros homens.

O que restava da junção de todas essas memórias era um ser humano furioso. Um homem mais velho, mais carrancudo, cuja

imagem física lembrava bastante a de Primo Branford quando iniciou sua caçada de bruxas aos 25 anos.

*Você já imaginou, Axel, se cada pessoa que sofre uma perda, se cada ser humano neste planeta que passa por uma provação que considera injusta aos seus olhos resolvesse canalizar ódio na direção de algo ou de alguém?*

O cabelo estava maior, como nunca antes, lhe batendo no peitoral. A barba clara lhe tomava ao rosto e, se nunca chegava a ser tão grossa quanto à de Anísio, ainda assim era suficiente para lhe fazer parecer anos mais velho. Cortes, cicatrizes, hematomas e suturas se espalhavam pelo tronco ainda mais definido e repleto de pelos, um detalhe impensável em sua época de pugilista, e a pele castigada pelo sol.

*O que sobraria do mundo?*

O que mais diferenciava aquele Axel Branford do príncipe que Arzallum havia conhecido era a redução do sorriso, a alegria e a humanidade que ele trazia na presença da plebe, como se fosse um dos seus. Um príncipe que sempre celebrara a vida e, naquele momento, pensava apenas em como ainda era fraco para tirar a vida de um Mestre Anão em uma batalha que ele havia prometido vencer.

*Quando você estiver pronto, eu estarei esperando.*

Nem tudo, porém, *naquele* Axel era amargura. De sua época áurea representando Arzallum no Punho De Ferro diante de sua nação e de todos os Reis restava o aprendizado mais impactante, que modificara sua forma de enxergar o mundo. Ao contrário do que a maioria das pessoas poderia pensar, a luta mais importante de Axel Branford naquele torneio não havia sido a final contra Radamisto, pondo à prova a rivalidade de Arzallum e Minotaurus.

A sua luta mais importante havia sido na semifinal, contra Ruggiero, o estrangeiro de olhos rasgados, que havia viajado do Oriente para levar algo que o Ocidente jamais havia visto.

*Aquilo é arte marcial?*

Em uma luta que apenas ele e Ruggiero sabiam que o príncipe na